

GATTI, Luciano. *Constelações - Crítica e verdade em Benjamin e Adorno*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

Quando, meados dos anos 50, Adorno escreveu "O ensaio como forma", o suicídio de Walter Benjamin na fronteira franco-espanhola já fazia 15 anos. É também nessa época que Adorno editou a primeira edição dos escritos de Benjamin, intitulada *Illuminationen*. Talvez foi o trabalho nessa edição que fez com que, no referido ensaio também, o amigo morto fosse uma presença permanente, seja explicitamente, quando chama Benjamin de "mestre inatingível" como autor de ensaios, seja implicitamente, quando destaca a importância da exposição (*Darstellung*) e do fragmento, quando usa termos como "núcleo do tempo" (*Zeitkern*), chama o método do ensaio de não-metódico, o compara ao mosaico e ainda a um "conflito em suspensão".

30 anos depois do livro pioneiro de Flávio Kothe, *Benjamin & Adorno: Confrontos*, Luciano Gatti retorna à difícil amizade entre Benjamin e Adorno para refletir sobre os escritos do primeiro. Sem cair no tom polêmico de Kothe (cujo livro, por mais superado que seja, mereceria pelo menos um comentário), Gatti dedica um estudo exaustivo à obra de Benjamin, analisando concomitante-

mente o diálogo com Adorno. É principalmente por meio de um profundo conhecimento da correspondência entre ambos que Gatti consegue usar os comentários de Adorno como um espelho que reflete as ideias de Benjamin. Mas o trabalho intensivo com a correspondência limita esse estudo ao período até o (suposto) suicídio de Benjamin em 1940 na fronteira franco-espanhola.

Favorecido pela bom conhecimento de outros idiomas, principalmente do alemão, o trabalho de Gatti, originalmente uma tese de doutorado sob orientação de Jeanne Marie Gagnebin, percorre a obra benjaminiana em sua sequência histórica, demonstrando seu grande talento na elaboração dos pontos essenciais de cada texto, trazendo esclarecimentos importantes sobre obras como *O conceito de crítica no romantismo alemão* ou *Origem do drama barroco alemão*, que, embora traduzidos no Brasil, não encontraram ainda a devida contextualização histórica e filosófica para a qual o livro de Gatti traz elementos fundamentais. Merecem destaque também os capítulos sobre os ensaios que versam sobre *As afinidades eletivas*, de Goethe, e sobre Kafka, ensaios estes que mudaram o rumo dos estudos sobre os dois autores.

Dialogando soberanamente com o que há de mais atual na bibliografia internacional, Gatti acompanha a tendência recente dos comentaristas benjaminianos de resgatar os textos da primeira fase, como mostra a utilização de referências como Astrid Deuber-Mankowsky ou Sigrid Weigel. Antecipando-se ao último lançamento de Weigel (*Walter Benjamin. Die Kreatur, das Heilige, die Bilder*, 2008), analisa os estudos de Benjamin sobre Kafka à luz de uma discussão instaurada por Stéphane Mosès, que, falecido em 2007, era o estudioso mais importante no que diz respeito aos aspectos judaicos na obra de Benjamin. Sem se preocupar com os modismos na crítica atual, Gatti consegue reunir em sua bibliografia referências importantes da última década, como o *Benjamin-Handbuch* ("Manual benjaminiano"), um compêndio publicado em 2006 que reúne os mais renomados especialistas – entre eles a própria Jeanne Marie Gagnebin.

Talvez seja justamente o caráter exaustivo do livro de Luciano Gatti que fez com que a relação entre Benjamin e Adorno se limitasse ao período até a morte do primeiro. É uma limitação natural para quem se apoia na vasta correspondência, trazendo assim ao leitor um verdadeiro tesouro de informações, até então inacessíveis ao público brasileiro. Por outro lado, esta "limitação por profundidade" significa também que o livro não faz jus ao seu título, pois a relação entre ambos vai muito além de 1940. É a partir dos anos 50 que Adorno não apenas abandona sua postura distante em relação às posições benjaminianas, mas passa a adotá-las para desenvolver sua filosofia pós-guerra. Como Gatti expõe com razão, o contato entre ambos era marcado por uma grande incompreensão por parte de Adorno e pelas decorrentes tensões. Parece que houve até um certo remorso em jogo quando este

passa a se valer do léxico benjaminiano e a defender posições que antes combatia, como se evidencia no texto citado "O ensaio como forma".

É nesse texto também que Adorno usa o termo "constelação", que Benjamin herdou de Simmel e que passou a ocupar um lugar central nas reflexões esotéricas do "Prefácio epistemológico" de *Origem do drama barroco alemão*. Se esse termo é tão importante no pensamento dos dois pensadores, seu uso exclusivo como título de um livro que trata da relação entre ambos cria uma expectativa que o autor acaba frustrando no decorrer da leitura. Ao contrário do que se poderia pensar, *Constelações - Crítica e verdade em Benjamin e Adorno* não é nenhuma alusão à essa metáfora que se revelou como crucial também no pensamento de Adorno (cf. a tese de doutorado de Eduardo Soares Neves Silva, *Filosofia e arte em Theodor W. Adorno: a categoria de constelação*. UFMG, 2006). Ao contrário dessa posição crucial, a palavra "constelação" é reduzida ao seu uso trivial, servindo de sinônimo para "configuração" ou "relação".

Esta observação seria apenas marginal se não estivesse diretamente associada a questões de "crítica e verdade", que Gatti tematiza no subtítulo. Se o próprio autor diz que o "cerne da tese de Benjamin consiste em mostrar que a verdade é produzida no processo mesmo de exposição" (p. 96) e se a constelação é apresentada, no já mencionado "Prefácio epistemológico", como um sinônimo de "exposição", não há dúvida de que esta "imagem de estrelas" (*Sternbild*) também pertence ao "cerne" das reflexões benjaminianas. A proximidade entre exposição (*Darstellung*) e constelação fica evidente na seguinte frase de Gatti: "Cada exposição da verdade é historicamente configurada como uma cons-

*telação* de elementos eles mesmos históricos, uma imagem (!) momentânea que escapa ao curso cronológico do tempo e se firma como a apresentação de uma ideia” (p. 101; grifo meu). Em outra passagem (p. 108), a constelação é apresentada como “figura” que representa uma “forma de totalização”, até chegar na definição do próprio Benjamin, segundo a qual as “ideias se relacionam com as coisas como as *constelações* com as estrelas.” (p. 109; grifo meu)

Como Gatti mostra com muita clareza, “exposição” e “constelação” apontam para uma característica fundamental de Benjamin, que, ao fugir dos procedimentos indutivos e dedutivos do pensamento linear, transforma seu próprio texto numa *constelação*, numa imagem composta por “estrelas”. E é essa característica que ao mesmo tempo está na base do confronto entre a *imagem* dialética de Benjamin e um *conceito* de dialética, cobrado por Adorno (p. 206). Trata-se de uma cobrança daquela época que Adorno abandonará quando adota a imagem dialética como termo-chave das próprias reflexões. Como Gatti observa em sua Conclusão, “a repercussão propriamente dita do pensamento de Benjamin na trajetória intelectual de Adorno só poderia ser observada com nitidez muitos anos mais tarde.” (p. 343)

A diferença fundamental entre conceito e imagem também tem consequências para a relação de ambos com o marxismo. Gatti promete analisar essa relação (p. 251), sem discutir, no entanto, qualquer referência explícita a um teorema marxista. Pode-se especular muito sobre os motivos que levaram Benjamin a se declarar marxista, mas não há dúvida de que seu “pensamento estético”, um pensamento que expõe, mediante a própria escrita constelar, as ideias em forma de constelações, está muito distante de qual-

quer elemento marxista, inclusive em seu último texto, as chamadas “Teses”, onde recorre à teologia – com ingredientes marxistas – para expor seu conceito de história.

Mas o marxismo nada tem a ver com a estética da interrupção – ou da suspensão – que Benjamin defende e põe em prática também nessas Teses e que Gatti analisa com grande mestria nos comentários sobre Hölderlin e Brecht, relacionando-a com o procedimento da montagem. Essa interrupção, muito mais anarquista do que revolucionária, não serve para acelerar o avanço da marcha inexorável da história, mas, muito pelo contrário, é a grande chance para se voltar para o passado e para citar e redimir a história. Nada disso encontramos no pensamento teleológico do marxismo.

O materialismo de Benjamin é estético ou “antropológico”, como Gatti não se cansa de sublinhar, e está muito distante das ambições – também marxistas – de conceituar cientificamente a realidade e a história numa tentativa de transformar as leis naturais das Ciências Exatas em leis da História – algo muito próximo, aliás, do positivismo que Benjamin combate nas Teses. O pseudo-marxismo de Benjamin também se mostra no ensaio sobre a obra de arte, que começa com um “credo” marxista e termina com o postulado da “politização da arte”, sendo que essa fachada marxista pouco tem a ver com as preocupações antropológicas do ensaio, que não se preocupa com a luta de classes, mas analisa o lugar do homem em seu ambiente, o “corpo humano em seu espaço”, cênico ou não (p. 135 s.) e que é antropológico até na comparação do homem moderno com o homem das cavernas quando denuncia a hostilidade desse espaço – e não da hostilidade entre determinados grupos sociais.

Num livro que apresenta um conhecimento vasto da correspondência entre os dois pensadores, não poderia ter faltado uma passagem que, por um lado, revela as dificuldades de Adorno em entender o pensamento de Benjamin, e que, por outro, critica a tentativa deste último de “pagar um tributo ao marxismo”. A passagem em questão gira em torno da questão da “mediação” que o também marxista Adorno cobra de Benjamin:

Com isso acredito ter tocado no centro da questão. O efeito que parte de todo o seu trabalho e que este surtiu não apenas em mim e na minha ortodoxia em relação às *Passagens* é que o Senhor nele se violentou [...] para pagar um tributo ao marxismo que não é vantajoso para este nem para o Senhor: não para o marxismo, pois a mediação com a totalidade do processo social foi omitida e foi atribuído, quase de maneira supersticiosa, à enumeração material um poder esclarecedor que é reservado exclusivamente à construção teórica, mas nunca à referência pragmática; esse tributo tampouco é vantajoso para a substância mais peculiar do Senhor quando proíbe a si mesmo seus pensamentos mais ousados e fecundos devido a uma espécie de pré-censura

conforme categorias materialistas (que, de maneira alguma, coincidem com as marxistas).<sup>1</sup>

Não se trata aqui de saber “qual dos dois autores seria, de fato, o melhor marxista”, como diz Gatti numa alusão a Agambem (p. 25), que transformou essa carta em um capítulo de *Infância e História*, mas por que Benjamin adotou um (suposto) marxismo como uma espécie super-ego que exercia nele essa “pré-censura” e que o impediu, em certos momentos, de desenvolver seus “pensamentos mais ousados e fecundos”. Parece que a recepção dos escritos de Benjamin pelo movimento estudantil de 1968 está censurando até hoje uma análise mais sóbria da relação entre os dois filósofos – uma análise que valorize os *argumentos* de Adorno como contribuição preciosa numa discussão extremamente fecunda, e que não veja na atitude deste uma espécie de abuso do poder, contra o qual Benjamin teria que ser blindado postumamente. Num livro que analisa de maneira exemplar a recepção da obra benjaminiana dos últimos anos o ranço de 1968 surte um efeito semelhante ao do marxismo no próprio Benjamin.

Georg Otte, UFMG

<sup>1</sup> Benjamin, *Briefe*. p. 787; trad. minha. As reticências são do original.

SANS, Georg. *Al crocevia della filosofia contemporanea*. Roma: Gregorian and Biblical Press, 2010, 327 p. [Philosophia; 1]

Um livro sobre filosofia contemporânea que não seja apenas uma série de apresentações de escolas e autores não é fácil de ser encontrado. A maioria dos estudiosos prefere fazer uma apresentação da diversidade filosófica atual, descrevendo autores ou obras sem nenhuma proposta de um fio condutor que ajude a ler a pluralidade de autores, métodos e perspectivas com as quais a filosofia se apresenta hoje. Uma situação assim pode gerar em muitos estudiosos, especialmente naqueles que estão iniciando o estudo da filosofia, a mesma sensação com a qual o professor Georg Sans, professor da Pontifícia Universidade Gregoriana e autor do livro resenhado, começa seu livro: “Escrevi este livro movido por um sentimento de perplexidade, que o estudante e o estudioso provam, de frente à grande variedade e fragmentação do pensamento filosófico contemporâneo” (5).

Diante desta constatação, não é difícil imaginar o discurso filosófico atual, em sua diversidade de métodos e abordagens, como um conjunto desordenado de vozes e opiniões muitas vezes contrárias, como um conjunto de fragmentos ou, para alguns, como um grande mosaico feito de diferentes pedaços. Ora, se esta situação parece ser um fato incontestável, algumas perguntas possíveis seriam: Como evitar perder-se na multidão de correntes da filosofia contemporânea? É possível superar a ideia da história da filosofia como uma simples doxografia, ou mesmo uma simples compilação cronologicamente ordenada de livros, personagens e acontecimentos? É a partir destes questionamentos que o A. começa a delinear sua forma de olhar para a situação atual da filosofia. Na verdade ele quer fornecer ao leitor um instrumento de

interpretação, como uma espécie de bússola, para orientar-se melhor na compreensão do panorama filosófico dos nossos dias. Faz isso sabendo que sua proposta é *uma* proposta dentre as muitas possíveis, mas isso em nada diminui o valor de seu trabalho.

Para o A., qualquer pessoa que coloque o problema de uma orientação na filosofia contemporânea se encontra numa encruzilhada entre quatro tipos de reflexão: o pensamento puro, o pensamento científico, o pensamento existencial e o pensamento linguístico. Diante desta proposta de organização da diversidade filosófica, ele apresenta *uma* história da filosofia, entre outras possíveis. Em sua história, ele quer interpretar a filosofia dos séculos XIX e XX de forma substancialmente orgânica e unitária. Seu fio condutor é o pensamento de Hegel. Para o A., Hegel possui uma grande influência na situação atual da filosofia. Ele sustenta que a filosofia atual está profundamente marcada pela exigência de tomar uma posição a respeito da pretensão hegeliana de edificar um sistema filosófico onicompreensivo fundado apenas na razão. Em suma, o A. sustenta que a filosofia depois de Hegel é, substancialmente, uma reação a Hegel.

Tentando explicitar sua opção o A. argumenta que Hegel é importante para o pensamento filosófico contemporâneo por três motivos principais. Primeiro pela novidade de seu método dialético. Segundo pela amplitude dos argumentos tratados. Finalmente, porque Hegel foi o primeiro grande pensador que colocou em destaque a historicidade do pensamento. Por exemplo, defende a tese de que para Hegel, “as ideias filosóficas, não são doutrinas de fatos contingentes, mas sim respostas racionais a determinadas condições históricas” (7). Ainda, defende que “as ideias filosóficas, segundo ele [Hegel], não nas-

cem fora do espaço e do tempo; antes, assim como cada indivíduo é filho do seu tempo, da mesma forma a filosofia é o próprio tempo captado no conceito”.

Ora, a ideia de interpretar a filosofia contemporânea como uma reação a Hegel não é nova, na verdade o A. aprofunda a tese de K. Löwith. Porém, diferente de Löwith, argumenta que continua a ser válida a alternativa teórica de um sistema puramente racional, seja contra o naturalismo, seja contra a hermenêutica, que segundo ele são “tendências que parecem dominar a cena filosófica quase em todo lugar” (12). Na verdade, o encanto da filosofia hegeliana, para o A., está no fato de que ela representa a mais ambiciosa tentativa de conhecer tudo aquilo que é, o real, com base em um único princípio racional. Ele explicita melhor esta sua opção hegeliana argumentado: “o fascínio exercido pela unidade do sistema, e a desmesurada ambição de conseguir um conhecimento especulativo do absoluto, fizeram que a figura de Hegel dominasse a época contemporânea” (14). Diante deste domínio hegeliano é fácil perceber algumas reações que para o A. influenciaram os caminhos da filosofia contemporânea.

A partir destas minhas considerações, fica fácil entender que para o A., o filósofo, ao fazer história da filosofia, deve pensar além dos dados biográficos e doxográficos, buscando examinar a ordem lógica com a qual as ideias se seguem. O filósofo deve examinar os enlaces teóricos, as opções sistemáticas, com as quais os pensadores do passado fizeram suas escolhas. Por outro lado, o A. não é ingênuo e sabe muito bem que esta proposta não é a mais comum atualmente. Pelo contrário, o mais comum é a especialização. Por isso, por exemplo, as obras de história da filosofia contemporânea não são, normalmente, fruto de um único autor, mas da colaboração de vários estu-

diosos, cada qual perito em um determinado autor, corrente filosófica ou problema. Existe também outra vertente que compreende a história da filosofia como um conjunto de correntes culturais que caracterizam as várias épocas.

O A. não aceita completamente estas perspectivas. Na verdade, para ele, são sempre os pensadores a serem os protagonistas e os artífices do pensamento, ou seja, são os indivíduos que refletem, debatem e dão vida às novas ideias. Ele argumenta que: “É um fato incontestável que a história da filosofia, assim como a história da arte, venha transformada pela contribuição de alguns pensadores excepcionais, os quais com o próprio gênio condicionaram as discussões sucessivas por séculos ou mesmo milênios, e cujas obras maiores tornaram-se mais profundas e estimulantes do que todos os restantes textos secundários em seu conjunto” (11).

A partir desta opção, ele se propõe a trabalhar seu texto em duas direções: uma direção formada pelos pensadores e uma direção formada pelas escolas e correntes. Surge assim a proposta de uma metáfora para interpretar a situação da filosofia contemporânea. A metáfora é a da encruzilhada com quatro orientações. Com esta metáfora o A. quer ajudar a perceber a relação entre pensadores e correntes. Ele argumenta dizendo: “Estou convencido de que a delimitação de quatro orientações favoreça a compreensão tanto de cada filósofo, quanto do desenvolvimento histórico em uma visão mais ampla” (12).

A encruzilhada da filosofia contemporânea, segundo o A., é composta por quatro caminhos: o pensamento puro, o pensamento científico, o pensamento existencial e o pensamento linguístico. Na argumentação do A.:

“Como indica a imagem da encruzilhada, não acredito que se possa resumir a história dos últimos duzentos anos na simples fórmula da passagem da filosofia da consciência ao pensamento linguístico, sem ter em consideração as correntes científica e existencialista; mas sobretudo sem reconhecer a contínua presença da pretensão hegeliana de desenvolver um sistema filosófico baseado no pensamento puro (18)”.

A primeira corrente ou o primeiro caminho desta encruzilhada proposta pelo A., obviamente, é formada pelo pensamento puro. Neste capítulo, o A. analisa primeiramente a herança kantiana, a doutrina da ciência de Fichte, o destino filosófico de Schelling, o sistema de Hegel e a escola hegeliana.

Após a primeira corrente, o A. analisa o pensamento científico que contra Hegel postula que a reflexão filosófica deve basear-se nas descobertas científicas. Esta corrente quer evitar o perigo do filósofo perder o contato com a realidade e abandonar-se em vãs especulações. Aqui o A. analisa a questão do progresso científico, sobretudo nas ciências naturais, no uso do método experimental, no desenvolvimento da matemática. Os diversos positivismo, como o clássico com A. Comte e J. Stuart Mill, o neoempirismo, o círculo de Viena, são analisados. O A. propõe o seguinte percurso de interpretação: o positivismo, o socialismo, o historicismo, a teoria crítica, o empirismo lógico (círculo de Viena), a filosofia da ciência e o pragmatismo.

Ele continua seu percurso com o pensamento existencial onde a filosofia se propõe a pensar a existência humana. Isto porque, quem fala da filosofia é sempre o homem que procura compreender a si mesmo e o mundo em que vive. Nesta perspectiva, segundo o A., é vã a ideia de assumir a perspectiva do absoluto. O filósofo deve analisar a

existência humana, interrogando a experiência concreta de cada um, a fim de reforçar a consciência de si e de orientar-se na vida. Para o A., este tipo de pensamento é composto por autores diversos entre si como Nietzsche, Kierkegaard, Heidegger e Sartre. Estes autores partilham a convicção de que a existência humana e a experiência vivida devem preceder o conhecimento da essência das coisas. Aqui, o A., analisa a obra de Nietzsche, Kierkegaard, a corrente fenomenológica com Husserl, Heidegger, Sartre, Lévinas.

Finalmente, o A., apresenta o pensamento linguístico que ressalta o condicionamento linguístico do saber. Nesta corrente, a língua é o *medium* necessário do pensamento. Surge, então, a conhecida reviravolta linguística (*linguistic turn*), em que o primeiro trabalho filosófico é a análise da linguagem. São representantes deste tipo de pensamento Wittgenstein, Gadamer, a filosofia analítica, a filosofia da mente, as teorias do significado, a hermenêutica filosófica, o estruturalismo e a desconstrução.

Depois da apresentação de sua leitura da filosofia contemporânea, o A. propõe duas importantes questões para a reflexão filosófica. A primeira é sobre a discussão acerca do fim ou não da modernidade. A segunda é sobre as diferentes racionalidades presentes no pensamento contemporâneo. O A. argumenta que a filosofia moderna busca principalmente a unidade racional do pensamento. Isto é possível perceber, por exemplo, no iluminismo, no idealismo, no marxismo e no positivismo. É a busca de um sistema unitário de saber, englobando todas as possíveis experiências do homem. Por outro lado, temos atualmente os assim chamados pós-modernos que argumentam que a unidade foi perdida e vivemos hoje uma situação de fragmentação. Para eles, a sociedade em vez de

formar um todo orgânico, parece ser um amontoado de indivíduos e pequenos grupos de interesse. Neste contexto, a tarefa da filosofia é a de reconhecer as diferenças e desenvolver estratégias de convivência em um mundo plural. Para exemplificar esta perspectiva o A. analisa, brevemente, o discurso de Lyotard sobre o pós-moderno, a disputada questão sobre se os pensadores pós-modernos são relativistas ou irracionalistas, e a interpretação de Vattimo sobre o lugar de Nietzsche e Heidegger como precursores da filosofia pós-moderna.

A segunda questão é sobre a racionalidade. Ora, sendo a filosofia contemporânea marcada por quatro tipos diferentes de pensamentos, não existe um único sistema filosófico de referência no qual todas as possibilidades de conhecimento seriam enquadradas. Neste contexto, alguns elogiam o pluralismo, porque demonstra que uma razão que absolutiza a si mesma torna-se um instrumento de domínio e de manipulação, enquanto outros criticam um relativismo que ofusca o conceito de verdade e mina os valores morais. Diante desta situação fica então a pergunta: a diversidade de perspectivas constitui uma razão suficiente para afirmar a relatividade do conceito mesmo de razão?

A leitura deste livro do professor Georg Sans é muito agradável, marcada pela precisão e clareza com a qual ele trata as várias correntes filosóficas e os vári-

os autores. Ele demonstra ter um vasto conhecimento da filosofia contemporânea e uma grande habilidade em apresentá-la não apenas aos estudantes que iniciam o estudo do emaranhado mundo da filosofia contemporânea, mas também ao estudioso que pretende aprofundar seus conhecimentos. Evidentemente o A. propõe uma perspectiva — no caso, hegeliana — de leitura; ou melhor, existe uma filosofia da história que guia sua apresentação e compõe o quadro, em que ele articula as diferentes correntes de pensamento. Eu penso que o importante, diante de uma proposta assim, é perceber que filosoficamente é impossível ser neutro; na verdade, cada um faz suas próprias opções ao escolher autores e textos a serem estudados. Nisto o A. foi feliz ao propor a metáfora da encruzilhada. Como ele mesmo diz: “A metáfora da encruzilhada indica uma espécie de escolha que cada filósofo deve fazer antes de entrar em um específico percurso de pensamento (315)”. Nesta encruzilhada, assim eu entendo, o A. segue a pretensão moderna, contestada por muitos na atualidade, de que a escolha deve e pode ser avaliada racionalmente, segundo princípios que são essencialmente os mesmos para todos os seres humanos. Sem dúvida, o livro em questão é uma excelente introdução à encruzilhada filosófica contemporânea.

*Elton Vitoriano Ribeiro  
FAJE - BH*